

## MANIFESTO DO COLETIVO DE NEGRAS E NEGROS DO ANDES-SN NO 68º CONAD

“Unificar as lutas anticapitalistas contra o colapso socioambiental e em defesa da vida e da educação pública”

No 68º CONAD, reafirmamos que a luta antirracista é indissociável da luta anticapitalista. Não há enfrentamento real ao colapso socioambiental sem a centralidade do combate ao racismo ambiental, pois é o povo negro quem primeiro sente os efeitos da destruição do planeta. A nossa luta é pela vida, porque vivemos o genocídio cotidiano do povo negro. É pela educação pública, porque é nela – em especial, na educação básica – onde se concentram a maioria dos nossos.

Estamos enquanto coletivo neste CONAD para dizer da alegria de termos um presidente Negro neste sindicato, um presidente que sempre esteve na luta com este coletivo, e que não estará só, porque sabemos que a construção é coletiva e nosso sindicato ainda tem muito a avançar na luta antirracista.

A luta antirracista tem avançado dentro do sindicato, mas ainda estamos longe da vitória. Temos em curso duas importantes campanhas: **“Sou Docente Antirracista”** e **“Lutar Não é Crime”**. No entanto, em muitas seções sindicais, a campanha antirracista tem sido tratada como se fosse uma tarefa apenas para negros e negras realizarem. Ao mesmo tempo, temos visto cada vez mais docentes negras e negros sendo criminalizadas e criminalizados por denunciarem nas mais diversas universidades do país o racismo institucional a que estão sendo submetidas/os. Por isso, reafirmamos: **essa não é uma campanha de nicho. É uma campanha civilizatória, que deve ser responsabilidade de todas e todos.**

Importante também mencionarmos que ainda somos poucos como docentes nas universidades brasileiras, e este pouco, ainda não consegue estar presente, de forma mais efetiva, nos espaços coletivos e formativos do nosso sindicato: Congressos, CONADs, Encontros, Seminários, Cursos de Formação e reuniões do pleno dos GTs – porque ainda não somos votáveis. Muitos lutam em suas seções sindicais, mas não conseguem chegar aos espaços nacionais, por isso não conseguiram vir. Será que já não passou da hora de termos cotas para negros e negras em nossas seções?

Estamos diante do enfrentamento de casos estarrecedores de racismo institucional nas universidades brasileiras, e, em muitos casos o/a docente não tem contado com a ajuda de suas seções sindicais. Temos a campanha “Lutar não é crime”, mas nós afirmamos: “Lutar sempre foi crime para o povo negro”. E, quando somos criminalizados, muitas

vezes, ficamos sós, porque quem não sofre racismo decide o que é e o que não é racismo.

Professor Iguatemi, Professor Wagner, Professor Cristóvão, Professora Nathália, Professora Luciane, Professora Izete... e tantos outros nomes continuam chegando. Os ataques seguem acontecendo. Precisamos que nossas seções sindicais compreendam os ataques que sofremos, que nos acolham e lutem ao nosso lado, pois, nessas lutas, as correlações de forças aos enfrentamentos, são desiguais.

Precisamos das nossas seções sindicais, precisamos de letramento racial para nossos advogados, diretorias, funcionários, para que possamos ser acolhidos.

Precisamos da intervenção do Andes Sindicato Nacional nos casos de racismo assim como temos nos casos de assédio, independente se a seção sindical solicitar ou não.

Não é fácil ser negro e negra em nenhum lugar do Brasil, mas ser negro e negra dentro de universidades que ainda não nos consideram humanos, onde sofremos epistemicídio e toda sorte de violências cotidianamente, é adoecedor.

### **Ainda assim, seguimos!**

É nesse contexto, que também nos posicionamos frontalmente contra a política de sorteio de vagas nos concursos das universidades federais. Esta medida, prevista nos parágrafos § 3º, incisos I e II; §4º e §5º do art. 46 da Instrução Normativa Conjunta MGI/MIR/MPI nº 261/2025, que institui a aplicação de Índices de Disparidade Étnico-Racial (IDR) por área ou especialidade para definir prioridades e sorteios de vagas nas políticas de ação afirmativa previstas na Lei nº 15.142/2025, fere o princípio da equidade, enfraquece as ações afirmativas e transforma um direito em sorte. Direitos não são apostas. Direitos se garantem. Reduzir a política de cotas a um sorteio é perpetuar o racismo institucional e desestimular a participação de negras, negros, indígenas e quilombolas no serviço público.

A política de cotas raciais não é favor, não é concessão. É reparação histórica, justiça social e instrumento de enfrentamento ao racismo estrutural, respaldado pela Constituição Federal, por decisões do Supremo Tribunal Federal e por tratados internacionais ratificados pelo Brasil. Submetê-la a sorteio fragiliza sua legitimidade jurídica e política.

Repudiamos veementemente esta medida!

Nós seguimos denunciando o racismo existente no contexto universitário e anunciando que nosso quilombo está crescendo.

Hoje somos mais de 200 docentes negras e negros organizados no coletivo nacional. Seguimos resistindo com coragem, com solidariedade, com memória e com luta.

E seguimos construindo e contando com o ANDES-SN, pois quem tem sindicato não anda só, não é mesmo?

Seguimos também desejando poder continuar contando com todos os nossos aliados e aliadas que compreendem que não existe luta de classes sem luta antirracista.

***Sem o povo negro, não há revolução.***

***Sem quilombo, não há futuro.***

***Axé, vida e luta!***

Manaus (AM), 12 de julho de 2025.

**Coletivo de Negras e Negros do ANDES-SN**